

APER 0025
LUX JORNAL RECORDES SUD
SUC. BELO HORIZONTE

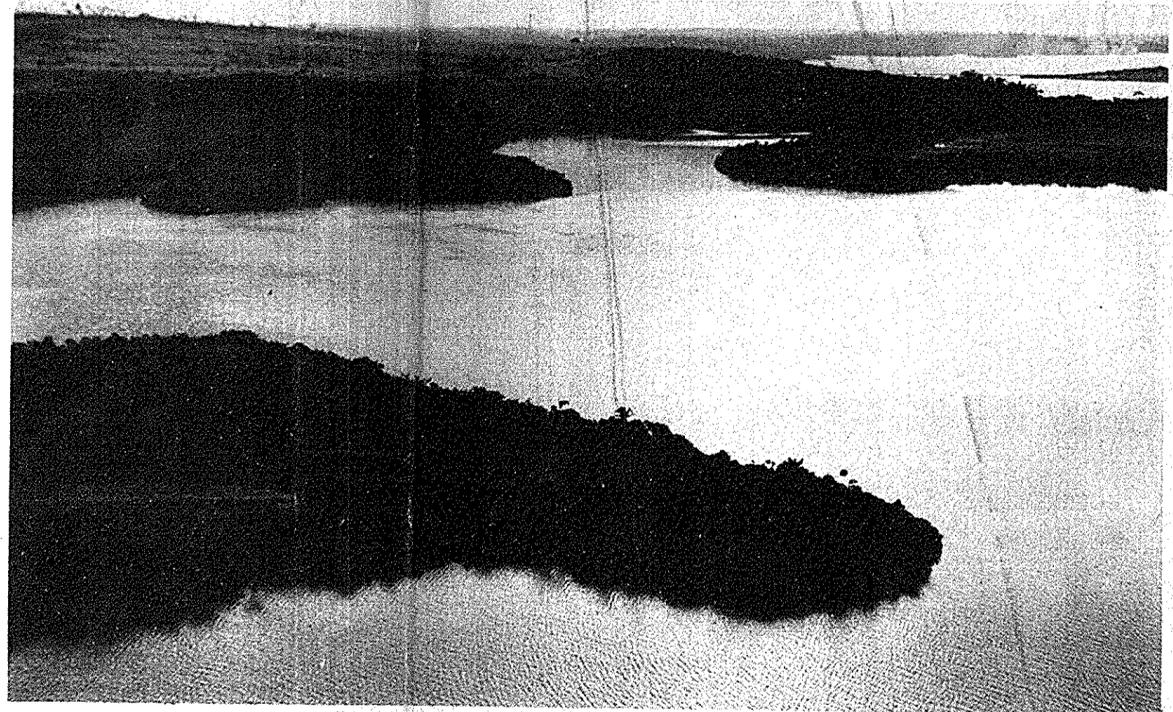
Amazônia: ação predatória ameaça todo o País

Gabi SANTOS (texto) Eny MIRANDA (fotos)

Porto Velho, Manaus e Belém. A ação predatória que há anos ocorre na Amazônia ameaça o País inteiro. Esta é a conclusão dos cientistas e estudiosos da ecologia. Mas existem verdades que só agora começam a ser conhecidas. A Amazônia não é o pulmão do mundo, como alega a maioria. O oxigênio que a floresta produz é consumido pelo eco-sistema da região e se constitui em um de seus principais alimentos, daí a importância do verde. Em grande extensão, as terras amazônicas são improdutivas, e será inútil tentar-se ali a pecuária ou a agricultura. O resultado dessas tentativas, baseadas na ignorância do que seja a Amazônia, não será a desertificação e sim o surgimento de um imenso capoeirão. Pode-se dizer que a Amazônia, cientificamente, é um mundo líquido e seus rios, igarapés, florestas e o mundo animal formam um único e indissociável sistema de vida que, em grande parte, ainda é totalmente desconhecido. Por isto, concordam os cientistas, é possível que a natureza jamais consiga refazer o que levou milênios para construir. E o homem, em pouco tempo, está destruindo.

Mas, na discussão em torno da Amazônia, que alcançou tribunais internacionais, qual é a pergunta mais importante? Certamente aquela que vai ao encontro da preocupação mundial; afinal, quais são os principais responsáveis pela derrubada da floresta e a contaminação desse formidável mundo primitivo? Para responder essa e outras questões sobre a Amazônia, nada melhor que os próprios amazônidas. O ESTADO DE MINAS mostra a opinião de três importantes personalidades desse mundo. Eles conhecem muito sobre o assunto pois trabalham, estudam e vivem a Amazônia, diariamente. O engenheiro civil José Fiel de Oliveira Fontes, há mais de 30 anos radicado em Rondônia, foi um dos responsáveis pela demarcação de milhões de hectares para reservas indígenas e ecológicas. É um dos debatedores do assunto, ao lado do entomologista Bento Melo Mascarenhas, em Belém do Pará, formado em ecologia, e ainda o renomado cientista Herbert Schubart, em Manaus, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas sobre a Amazônia — INPA.

Esses depoimentos são incisivos, diretos, muitas vezes contundentes, sem paixões. No momento em que se discute o meio ambiente e, em particular, a Amazônia, o EM contribui com a opinião de quem entende do tema e, como todos nós, se preocupa com o destino do nosso maior patrimônio ecológico.



Derrubada de florestas avança na direção dos mananciais...

EM — As medidas governamentais relativas ao meio ambiente poderão conter a devastação da Amazônia?

Herbert Schubart — Para conter esses acontecimentos o governo não pode permitir qualquer tipo de estímulo para a devastação, que, no entanto, tem sido estimulada pela legislação. Por exemplo: pelo lado do extinto Mirad e também pelo In-cra, era considerada benfiteira a derrubada de árvores. Então um posseiro, um fazendeiro e muitas outras pessoas, para pleitearem a posse da terra na Amazônia tinham como compromisso desmatar a área pretendida para provar que estavam tomando posse, que estavam ocupando o espaço. E a floresta, naquelas situações, era desnecessária, porque significaria falta de interesse pela terra. Essa é uma forma de estimular o desmatamento. Por outro lado, há o incentivo fiscal para a pecuária extensiva, em projetos que também envolvem o desmata-

rio, cabendo ao Estado obrigar os proprietários de balsas e dragas a possuírem tais equipamentos. É uma questão de fiscalização, de lei e de disciplina.

EM — Mas aqui em Rondônia há uma alegação por parte de entidades de garimpeiros de que o mercúrio está sendo evitado...

José Fiel — Não sei. Ao que eu saiba continuam usando sim. Não conheço nenhum sucedâneo para aglutinar o ouro. Mas sei que mesmo com a utilização do mercúrio, diante de uma fiscalização séria e responsável e a utilização dos equipamentos agora existentes, a situação poderá ser minimizada.

EM — No garimpo, nas madeiras, nos projetos agrícolas e de pecuária milhares de pessoas encontram meios de trabalho e, em alguns casos, de melhores condições sociais...

Bento Mascarenhas — Olha, a devastação da Amazônia não é fruto apenas da ação das multinacio-

EM — E isto acontece, na maioria, em áreas em que o solo não pode responder a uma perspectiva de lucros econômicos...

Herbert Schubart — É de se esperar que esse tipo de comportamento seja combatido e que o Governo fiscalize, não permitindo mais uma legislação que incentive tais despropósitos. Assim, pode-se conseguir desacelerar a destruição. Ainda assim, acho que continuarão as tendências destrutivas. Uma outra medida que deve ser tomada urgentemente e incentivada no âmbito do projeto "Nossa Natureza" é o ordenamento territorial determinado pela Constituição. No caso da Amazônia isto é imprescindível. É preciso que haja um planejamento global, que passe por uma especialização das políticas públicas, na região. Isto deve envolver responsabilidades sobre como ocupar espaços e o que fazer nas diferentes áreas conduzindo incentivos, estímulos e, claro, proibições para os abusos e irresponsabilidades. Assim, não deverá mais ser permitido, por exemplo, a ninguém fazer desmatamentos indiscriminados. Muito menos queimadas. Será preciso verificar se a área pretendida de fato é adequada, se o solo é bom porque o que temos visto é o assentamento de projetos em áreas impróprias, levando à destruição de recursos naturais não renováveis.

EM — Como o desenvolvimento da Amazônia, que interessa ao Brasil, pode ser visto como prejudicial pelos países do Primeiro Mundo?

José Fiel — Existem muitos interesses para se evitar esse desenvolvimento da Amazônia. Ele não interessa a uma série de países do Primeiro Mundo. Um exemplo claro disto é a rodovia que vai ligar Rio Branco a Pucallpa, no Peru. Faltam apenas 180 quilômetros para chegarmos ao Peru, por essa estrada. A ligação do Atlântico ao Pacífico sempre foi uma luta importante, por ser uma nova opção para que se possa pensar no Mercado Comum Latino-Americano e, principalmente, para que o Brasil possa ter um novo corredor de exportações rumo ao Pacífico. E, no entanto, essa rodovia não sai porque teve seu desenvolvimento impedido pela falta de verbas. Jamais os bancos internacionais quiseram dar uma contribuição para esse benefício. Temos que saber, como exemplo dessa política, que Rio Branco, se não possuir rodovias, ficará em situação crítica, como já aconteceu muitas vezes. O abastecimento é extremamente difícil para o Acre. A

navegação abastece aquela região durante apenas seis meses, depois disto é por rodovia mesmo. E temos que lembrar que temos lá, no Acre, nada menos que 500 mil brasileiros que não podem ser esquecidos e isolados do resto do País.

EM — Voltemos à destruição suicida. O País inteiro deve-se perguntar agora sobre o que faremos para evitar as terríveis queimadas e os desmatamentos...

Bento Mascarenhas: Esse procedimento de queimar a floresta é comum. E acho que este ano vamos ter, novamente, novas queimadas na Amazônia. As destruições de áreas para a ampliação de pastos também. Evidente que o Governo, em primeiro lugar, além dos pro-



Bento Mascarenhas



Herbert Schubart



José Fiel

jetos agora anunciados, deve atuar rigidamente na área da fiscalização. Os órgãos responsáveis devem atuar pela questão e devem se iniciar melhor e possuírem equipes mais eficientes, sem corrupção, fiscalizando e fazendo valer as leis que aí estão agora, para diminuir a destruição. Porque isto fatalmente vai acontecer de novo no próximo verão. O rebroto do capim na Amazônia se faz a troco de queimadas. Então esse é um procedimento comum nessa época.

EM — É imprescindível que haja um ordenamento de toda essa situação...

Herbert Schubart — Sem dúvida. Existem fatores importantes como o planejamento agro-ecológico. Pelo que sei, isto está sendo estudado pelo Ministério do Interior, em conjunto com a FAO, (órgão das Nações Unidas que cuida dos problemas da alimentação no mundo), um planejamento deste tipo na Amazônia. Isto como complemento, que não substitui um ordenamento territorial. Acho importante que isto aconteça. Agora, fica a questão; não devemos desmatar porque a vocação amazônica é florestal e o equilíbrio do ciclo hidrológico, regime dos rios, dependem da manutenção da floresta. O solo, de uma maneira geral, é de baixa fertilidade, com grande capacidade de erosão. Então devem ser protegidos pela floresta. Atualmente o dono da terra derruba a floresta porque a curto prazo ele não tem

"Conheço uma definição para o caboclo amazônico; ele é destruidor, nômade e incendiário..."

uma alternativa econômica sobre o que fazer com ela. E substitui as árvores por outros meios.

Por isto precisamos de incentivar as atividades florestais, destacando o interesse das comunidades que vivem e dependem economicamente da floresta, como os índios, os seringueiros e tantos outros. Essas são populações já fixadas na floresta, que dependem dela e conservam-na. E por serem populações fixas precisam ser incentivadas pois o custo é baixo e aí não vemos o perigo de extinção. Esse é um ponto importante na questão.

EM — A contribuição dos que chegam, em grande parte, é dirigida para a destruição...

Bento Mascarenhas — Existem muitos que vêm do Sul para destruir. Esta é uma verdade. Essas pessoas devem ser impedidas de continuarem com esse procedimento. Ai sim! Olha, se alguém vier as fazendas da Amazônia e procurar saber sobre a procedência dos fazendeiros vai verificar que eles são baianos, cariocas, paulistas, capixabas e muitos outros. Todos eles vêm para destruir. E muitos até nem aparecem por aqui. Mandam capatazes. Abrem espaço para uma grande fazenda, constroem campos de pousos e casas bonitas mas vivem confortavelmente no Rio, São Paulo, Porto Alegre e outras grandes cidades do resto do País. Quan-

paço importante em termos de erradicação da floresta e agressão ao solo.

E tem mais; conheço casos e já vi meninos índios fazendo pontaria com suas atiradeiras com flexas em pássaros pequenos, na floresta. Então temos aí que os nativos também destroem. Mas eles respeitam e aprendem a conviver na Amazônia. Porque do contrário não sobrevivem.

EM — Não podemos nos esquecer da questão do índio, que merece atenção...

José Fiel — O problema indígena no Brasil tem que ser levado a sério mas sem paternalismos, como tem ocorrido. Esse assunto deve ser tratado com autenticidade e acho que o índio tem que ser incorporado num processo gradual do nosso desenvolvimento. O índio não pode ficar como um ser separado desse desenvolvimento, com reservas enormes. Dizem aí que cada índio brasileiro tem 400 hectares.

Os yanomanes têm dez milhões de hectares enquanto outros têm quase dois milhões, com menos de 200 índios na reserva. Quando houve esse problema lá em Altamira, contra o reservatório do Xingu, ficamos sabendo que pouco mais de 300 índios iriam ser desalojados da área. E quantas hidroelétricas fo-

"Poderá haver uma substituição da floresta verde, com árvores com mais de 300 ou 400 anos, por um imenso capoeirão..."

do muito aparecem uma vez por ano, a passeio. O dinheiro para esses projetos são repassados pelos bancos dessas mesmas cidades e não ficam aqui, na Amazônia. E esses e muitos outros brasileiros acham que têm que falar sobre a Amazônia, criticando a falta de preservação, fazendo passeatas e outros protestos. Agora viver e trabalhar aqui é diferente. Aqui o povo respeita.

EM — As populações do Norte possuem uma consciência ecológica para defender a Amazônia?

Bento Mascarenhas — Existem verdades que poucos conhecem. O caboclo verdadeiro não é um preservacionista extremado como se imagina. Conheço uma definição para o caboclo amazônico; ele é destruidor, nômade e incendiário...

Através de pesquisas sabemos que o caboclo considera pequena a destruição que provoca. Ele corta uma floresta, um hectare. Depois planta uma roça de mandioca e faz uma casa de palha com açaqueiro e madeira branca, que não duram muito tempo. Então ele fica ali criando galinhas e porcos durante uns dois anos, produzindo enquanto a terra permitir. O caboclo tem que plantar a mandioca para conseguir a farinha, o beiju, que é a base de sua alimentação para comer com o peixe ou a carne. Mas, na medida em que aquela roça começar a deixar de produzir ele se muda, vai para outro lugar onde corta árvores, queima tudo e planta novamente, repetindo o processo, sempre. Se formos somar as várias destruições provocadas pelos caboclos poderemos ter noção de um es-

ram construídas no resto do Brasil? A de Sobradinho, por exemplo, submergiu quatro cidades centenárias; Casa Nova, Cento Sé, Remanso e Pilaço Arcado. E nenhum dos milhares de colonos surgiu com canivete ou outra arma para inquirir pessoas contra a hidroelétrica. Acho que a questão do índio é séria e deve ser tratada com respeito. Mas sem paternalismos.

Bento Mascarenhas — A região da Serra do Sicuri, em Roraima, é das mais famintas do País. Lá os índios ficam felizes quando chegam garimpeiros. Sabe por quê? Porque a presença de garimpeiros é garantia de alguma comida para esses índios que, para enganar a fome crônica, ficam o tempo todo mastigando ervas naturais...

EM — Se não tivermos medidas sérias e rígidas poderemos ter, então, dentro de algum tempo, a desertificação total da Amazônia...

Bento Mascarenhas — Eu não diria desertificação. Mas poderá haver uma substituição da floresta verde, com árvores com mais de 300 ou 400 anos, por um imenso capoeirão. Deserto eu não acredito que aconteça por aqui. E isto já se pode ver. Basta viajar em qualquer rodovia, por mais de cem quilômetros. O que se pode observar agora, são as grandes áreas onde a floresta nativa foi substituída por capoeirões que já contam com 30 ou 40 anos de existência. Floresta como existia antes, nessas áreas, nunca mais! Pode ser que a natureza consiga reproduzir outra floresta com grandes árvores. Mas daqui a uns 400 ou 500 anos. Até lá...

"A devastação da Amazônia, assunto muito atual, não é fruto apenas da ação das multinacionais, dos grandes projetos. Hoje a Amazônia está sendo quase totalmente destruída pelos próprios brasileiros..."

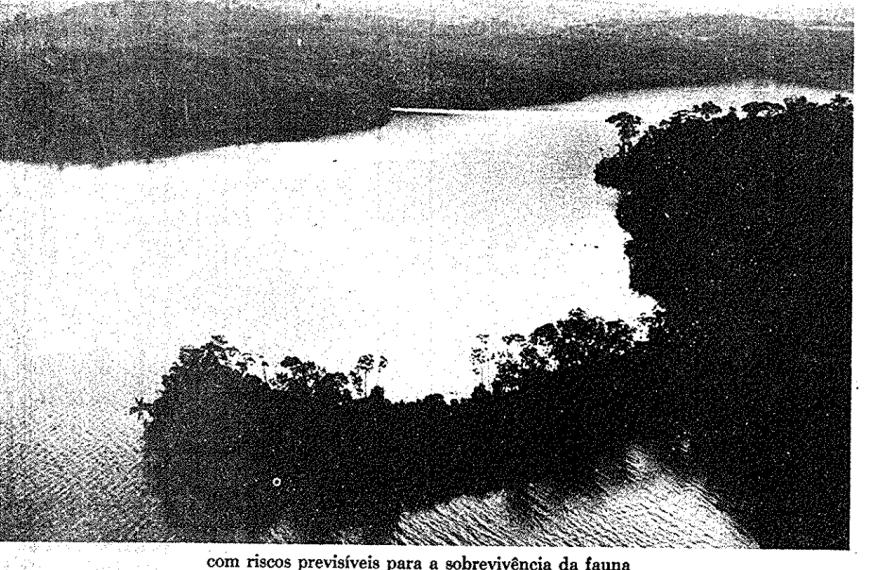
mento. Então, acho que o que precisamos é de medidas sérias, que, esperas-se, sejam respeitadas por todos e pelo programa "Nossa Natureza", para reverter esse processo de ocupação predatória. Entretanto, acredito que mesmo assim continuará a tendência de erradicação da floresta, porque muitos empresários continuarão, talvez com seus recursos, interessados em possuir terras, em anunciar plantações e projetos que passam pelo desmatamento.

EM — Um outro grande perigo é o garimpo desenfreado e incon-tido, que contamina os mananciais com substâncias nocivas...

José Fiel — Isto é realmente preocupante. Temos hoje cerca de sete mil dragas trabalhando a todo vapor, apenas no rio Madeira e 2.500 em Rondônia. Eu não conheço o resultado de aferições feitas na região, mas acho que isto pode ser equacionado porque existem agora aparelhos regeneradores de mercú-

nais ou dos grandes projetos. Hoje a Amazônia está sendo quase totalmente destruída pelos próprios brasileiros. O capixaba, o baiano, o mineiro, o paulista, o paranaense e muitos outros. Eles venderam suas terras ou arranjaram algum dinheiro e vieram para a Amazônia, para encontrarem terras mais baratas, para implantar grandes fazendas e explorar a floresta, destruindo os recursos naturais. A destruição da Amazônia não é feita pelos amazônidas.

Os grandes latifundiários da Amazônia não são daqui. As multinacionais colaboraram e ainda colaboram, em grande parte, para a destruição, com enormes propriedades. Mas nós também estamos contribuindo para isto. Por quê? Porque a terra é barata e é fácil ampliar às áreas de fazendas e sítios. Neste aspecto é bom que se lembre: nós, brasileiros, somos responsáveis por quase 50% do que já se destruiu na Amazônia.



com riscos previsíveis para a sobrevivência da fauna